

RESUMO EXPANDIDO PARA COMUNICAÇÃO ORAL

Eixo Temático ET 13 - Estudos Críticos da Heterossexualidade

Fernando Mascarello¹

RESUMO

Indagamos, aqui, como a psicanálise poderia produzir uma compreensão mais afirmativa que a de Freud e Lacan (em geral falocêntrica e patologizante) aos homens héteros “eroticamente mais femininos”. Partimos de duas das práticas consideradas mais abjetas, porque menos inteligíveis, de feminização do homem no erotismo hétero: sua erotização anal e o erotismo tântrico/taoísta, tal como investigadas alegoricamente no filme *eXistenZ* (1999), de David Cronenberg. Depois de recorrer a conceitos dos estudos dos homens e das masculinidades (Robert Heasley, Raewyn Connell) e da teoria queer (Butler, Sedgwick), apresentamos algumas formulações em psicanálise contemporânea que percebemos mais aptas ao entendimento e afirmação da feminilidade constitutiva da enorme pluralidade dos homens heterossexuais.

Palavras-chave: heterossexualidades dissidentes; homens héteros femininos; psicanálise

¹ Doutor em Cinema pela ECA/USP (2004), mestre em Psicanálise pela UFRGS (2020), professor do curso de Realização Audiovisual da UNISINOS, organizador do livro *História do cinema mundial* (Papyrus, 2006, em 7^a. edição), mascadu@terra.com.br;

HOMENS HÉTÉROS EROTICAMENTE FEMININOS:

POR UMA VISÃO PSICANALÍTICA AFIRMATIVA

O ensino de Lacan de finais dos anos 1950 – pela altura de *A Significação do Falo* e os livros 4 e 5 de *O Seminário* – foi e segue sendo criticado por seu falocentrismo, que prolonga e reconfigura o encontrado na obra freudiana. De saída, essa crítica foi feita pelas psicanalistas feministas (Kristeva, Irigaray...) a partir de finais dos 1960; e hoje, pelos estudos de gênero. A polêmica, por vezes exasperada, em torno às consequências teóricas, clínicas e políticas desse falocentrismo sobre a lide da psicanálise com as minorias formadas por mulheres, homossexuais e transexuais é conhecida.

O que eu gostaria de submeter a reflexão é uma faceta pouco ressaltada, mas igualmente constitutiva da visada falocêntrica do ensino lacaniano do período. Ela afeta o tratamento clínico, bem como os lugares político, sexual e cultural, de um outro grupo que também se poderia – ou deveria – tomar como minoritário.

É o grupo dos homens héteros que poderíamos referir como mais femininos, e, em particular, a parcela que sugiro chamemos “eroticamente mais femininos”. Eles recebem de Lacan, em *O Seminário 4*, um juízo pouco simpático por serem ungidos por uma abundância de feminilidade e uma insuficiência de virilidade. Algo que Lacan, ao associar esse juízo negativo e sarcástico diretamente à sua leitura do caso do pequeno Hans, qualifica como uma falha (p. 419) ou deficiência (p. 419), que produz como resultado um apassivamento (p. 428) na vida amorosa.

Na leitura de Lacan, a saída ou normalização feita por Hans a fim de “assumir seu sexo”, “por normal que seja, pode assim mesmo ser considerada como marcada por uma deficiência”, uma “falha do ponto atingido pela criança para ocupar seu lugar” (p. 419). De maneira que a situação de Hans ao final do processo exhibe um “caráter atípico anômalo, quase invertido”.

O “estigma” decorrente da “não resolução tanto da análise do pequeno Hans quanto da solução edipiana que era postulada por sua fobia” (p. 421) impõe como ônus,



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

segundo Lacan, o situar-se em “uma certa posição apassivada”, resultando que, “qualquer que seja a legalidade heterossexual de seu objeto, não podemos considerar que ela esgote a legitimidade de sua posição”(p. 428). Segundo Lacan,

[Hans] alcança aí um tipo que não vai lhes parecer estranho em nossa época, o da geração de um certo estilo que conhecemos, o estilo do ano 1945, daqueles encantadores rapazes que esperam que as iniciativas venham do outro lado – que esperam, *para dizer tudo*, que se lhes tirem as calças. Tal é o estilo como vejo esboçar-se o futuro desse encantador pequeno Hans, por mais heterossexual que ele *pareça* (p. 428-429, grifos meus).

Lacan *diz tudo*, e seu juízo de valor aparece aí com tonalidade francamente tradicional – para ele, estamos face a uma “deficiência”, uma “falha”, uma “anomalia” e uma “quase inversão” da masculinidade heterossexual “típica”, “legítima”, aquela que *não só parece, mas é*. Conclui-se, então, que uma fórmula para essa masculinidade hétero “deficiente” seria: “*Sim, mas...*”

E observe-se: independentemente das efetivas eleições de objeto da vida adulta de Hans, o fato é que Lacan, em 1957, baseou-se somente no texto freudiano e em seu apêndice de 1922. E tudo isso, ao fim e ao cabo, talvez não tenha maior relevância, se adotarmos uma visão queer da heterossexualidade, conforme irei sugerir.

Assim, ficamos a indagar: para o Lacan de *O Seminário 4*, homens héteros frequentemente (ou sempre...) desejanter de uma atitude mais passiva em sua relação erótica com a mulher serão, invariavelmente, julgados “falhos” e “anômalos”?

Historicizar e singularizar essas questões é decisivo. Lacan não seria capaz de sugerir que a psicogênese da sexualidade de cada um dos rapazes da citada geração de 1945 fosse análoga à de Hans. E quanto ao fator histórico, mesmo que de maneira implícita, ele reconhece que há algo do tempo da cultura que aí se faz presente:

... se, fazendo a propósito [de Hans] uma alusão a uma certa *evolução* nas relações entre os sexos, reportei-me à geração de 1945, isso foi, com certeza, para não cair numa *excessiva atualidade*. O cuidado de descrever e definir o que pode ser a geração atual, deixo-o a outros, digamos, a Françoise Sagan (p. 432, grifos meus).

Mas algo que chama atenção nesse trecho é o expediente usado por Lacan (sua remissão uma escritora popular), em muito semelhante ao de Freud com a feminilidade, quando este decidiu encaminhar seu leitor aos poetas para uma solução mais esclarecedora ao enigma do feminino. O procedimento se sustenta na própria sugestão

freudiana anterior (1996 [1908]) de que são os devaneios criativos dos escritores e artistas que podem trazer à tona aquilo que, para a psicanálise, ainda não irrompe a contento na clínica e em sua teorização. Porém, isso igualmente parece indicar, como na confrontação entre Freud e a feminilidade, um desconcerto de Lacan ao tropeçar nesses rapazes héteros eroticamente mais femininos que lhe foram contemporâneos.

Retornando à questão temporal, creio que seria pertinente indagar, portanto, como a psicanálise poderia fazer melhor frente clínica e teórica que Freud e Lacan a certos tipos de homens héteros, *nossos contemporâneos*, que são eroticamente mais femininos. Ou seja, sem incidir em juízos sexistas...

Cabe assinalar que o cenário do pós-anos 1960 tem mostrado uma crescente, visível e mais disseminada feminização dos homens heterossexuais. Rivalizando com manifestações reacionárias desesperadas de salvação da virilidade e do domínio fálico ameaçados, esse fenômeno desponta como uma das respostas dos homens héteros à gradativa mas enfática afirmação e/ou visibilização política e cultural das mulheres e das comunidades LGBTQ+, intensificada a partir dos 1960.

Nesse quadro, um importante papel político e cultural a ser jogado pela reflexão psicanalítica nessa área, penso eu, seria o de contribuir para o entendimento e *afirmação* desse terreno mais específico que estou procurando focalizar. Quero dizer: no interior do movimento mais disseminado de feminização da heterossexualidade masculina, refiro-me à feminização dos homens *no espaço do erotismo hétero*. Porque não é difícil constatar que, mesmo agora que já bem adentramos o séc. 21, essa feminização erótica dos homens héteros segue sendo mais estigmatizada e menos inteligível que as demais.

Senão, vejamos. Nitidamente, muitas práticas e identidades de homens héteros mais femininos já têm sido assumidas e discutidas publicamente, como nos casos da metrossexualidade, da parentalidade masculina maternal e da cultura *goy* (a mescla entre *boy* e *gay*, encampando uma diversidade de práticas do universo do *bromance* masculino, protagonizadas por homens identitariamente héteros ou assexuados, que giram em torno do beijar-se/ficar com outro homem sem coito), para não mencionar toda a multiplicidade da cultura BDSM.

Mas, não obstante a visibilidade das culturas *goy* e BDSM – e sem pretender traçar com relação a elas qualquer fronteira dura –, o território que pontuo parece ter

ficado a reboque: o das práticas de feminização do homem no espaço algo mais circunscrito do erotismo e do coito heterossexuais não associados ao BDSM. E para produzir deliberadamente ainda outro recorte, diria que duas dessas práticas se mostram particularmente obscuras e controversas, mantidas que são no registro do não-inteligível: as práticas da *erotização anal do homem* e do *erotismo de origem oriental* – tântrico e taoísta.

Uma boa forma de acercar esse não-inteligível é recorrer, justamente, aos devaneios criativos, ao universo fantasístico de artistas contemporâneos. Por exemplo, essas duas práticas menos compreendidas e mais contundentes de feminização do homem no coito hétero (sua erotização anal e o erotismo tântrico/taoísta) são investigadas alegoricamente no filme *eXistenZ* (1999), do cineasta David Cronenberg. Este é autor de uma reconhecida filmografia que salta aos olhos pela tematização, via recurso ao abjeto e ao monstruoso, das sexualidades desviantes da contemporaneidade – com ênfase sobre a ambivalência típica do simultâneo fascínio e repulsa dos homens com a (própria) feminilidade.

Através do recurso alegórico conjunto à erotização anal do homem e ao erotismo tântrico e taoísta, *eXistenZ* encena uma transa onde ambos os parceiros são passivos e contemplativos, explorando prazeres historicamente vinculados ao feminino, como os da entrega, da pele, da demora, da interioridade e da penetrabilidade.

Mais especificamente, os erotismos tântrico e taoísta, introduzidos com mais força no Ocidente a partir dos anos 1960 e ligados a rituais meditativos desde suas origens na Índia, no Tibete e na China, encaminham os parceiros, mediante o evitamento da ejaculação masculina durante o coito prolongado, para possibilidades de gozo não-todo fálico, não-heteronormativo. Este é desviante para o homem porque feminino, feminizante e, por isso, ameaçador da garantia fálica e disparador de reações viris.

Frente a isso, os filósofos franceses Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut (1989 [1977]), por exemplo, em sua crítica ao genitalismo “patriarcal e falocêntrico” dos seguidores de Reich, recomendavam o erotismo taoísta como uma forma de “renúncia revolucionária à masculinidade fálica”, por sua “desgenitalização” e “desterritorialização” dos prazeres e consequente “feminização do homem”.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

Tanto pelas insuficiências da psicanálise em sua teorização sobre a masculinidade (Bleichmar, 2006) e a heterossexualidade (Chodorow, 1994), quanto pelo imperativo de buscar uma maior consciência e ação políticas da psicanálise em sua reflexão na área das sexualidades minoritárias, pode ser muito oportuno, com vistas à mais que necessária atenção da psicanálise aos homens héteros eroticamente mais femininos, o recurso a conceitual disponibilizado, nas últimas décadas, pelo campo dos estudos de gênero e sexualidade.

Desse grande campo, um conceito bastante proveitoso seria o das “masculinidades heterossexuais “dissidentes”, subcategoria das “masculinidades não-hegemônicas”, segundo proposto por Raewyn Connell (1995). Já dos estudos queer, entendo que seria crucial tomar sua ênfase sobre a *fluides* entre as categorias do hétero, homo, bi e transexual – inclusive para dar conta, internamente à multiplicidade de homens héteros eroticamente mais femininos, daqueles que se percebem, vivem e se apresentam como héteros, mas eventualmente, nas suas práticas e/ou devaneios, se experienciam em seus desejos homossexuais.

Esse mesmo tipo de entendimento mais fluido está na base do conceito de “homens hétero-queer” (*straight-queer men*), formulado por Robert Heasley (2005) para “dar visibilidade” à “masculinidade queer”, muito pouco inteligível culturalmente, de muitos homens héteros. Esta queeridade Heasley descreve, com base em estudo etnográfico, como refletindo as mais diversas combinações na aproximação identitária e relacional desses homens à feminilidade, à homoafetividade e aos universos culturais e de sociabilidade de mulheres e de gays.

Por outro lado, a pouca visibilidade e legitimação culturais da maioria dos homens hétero-queers provavelmente deriva do “pânico homossexual” sentido pela maioria dos homens héteros. Sedgwick (1985) cunhou o conceito em referência ao temor, sentido por estes, de que seus gestos, lapsos de linguagem ou fantasias possam revelar, ao público e/ou a si próprios, alguma forma de desejo homossexual recalcado pedindo passagem.

Quanto à psicanálise, alguns raros autores já se têm adiantado à tarefa de considerar o universo dos homens héteros mais femininos. Silvia Bleichmar (2006), por exemplo, assinala a “dívida clínica e ética” da psicanálise com muitos pacientes

heterossexuais por ter interpretado seus fantasmas de masculinização, envolvendo outro homem ou a erotização do ânus, como fantasmas homossexuais, e tê-los levado à aceitação resignada de aspectos “homossexuais inconscientes”. Para Bleichmar, em lugar disso, há que se atentar ao que chama de grande “paradoxo da sexualidade masculina”: a necessidade da “incorporação fantasmática do pênis paterno” para fins de “instauração da virilidade”, no menino, durante o Édipo – a qual tem como efeito uma perene “angústia homossexual dominante no homem”.

Por sua vez, o estadunidense Gerald I. Fogel (2006), ao refletir sobre a feminilidade dos homens heterossexuais, reclama que a teorização psicanalíticas comece a dar maior destaque, ao longo de todo o processo de desenvolvimento psíquico dos sujeitos, à dimensão feminina da psicosexualidade. Denominando-a “cloacal” por conta de sua observação mais clara, segundo pesquisas recentes na área da psicologia das mulheres, em seu vínculo com a experiência genital interior bem menos recalcada nas meninas, Fogel sugere considerar essa dimensão como a “metade ‘feminina’” constitutiva tanto de um homem quanto de uma mulher, “da mesma forma como fállico refere à metade ‘masculina’ de ambos os sexos”.

O autor também aponta como necessário que se complexifiquem as abordagens à dinâmica edípica, a fim de superar uma lógica redutora de opostos e contemplar as múltiplas, ambíguas e imprevisíveis possibilidades de identificações de gênero – sejam fállicas, sejam “cloacais” – suscetíveis de ocorrer com relação a ambas as figuras parentais. Esta posição Fogel elabora cruzando suas formulações com a visada de Nancy Chodorow (1994), que argumenta que a psicanálise, por ter sempre tendido a tomar a heterossexualidade “normal” apenas negativamente e de forma “pressuposta”, como algo que não exigia “especial atenção, em contraste com a homossexualidade e as perversões”, deixou de oferecer uma adequada descrição de suas “origens e vicissitudes” (1994, p. 34). Como resultado, para Chodorow, a teoria psicanalítica “não tem uma explicação [...] para a enorme gama de heterossexualidades nesta implicadas” (idem, ibidem).

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Silvia (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2015.

BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain (1977). *El nuevo desorden amoroso*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1989, 4ª. ed.

CHODOROW, Nancy. *Femininities, masculinities, sexualities: Freud and beyond*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 1994.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Cambridge: Berkeley: University of California Press, 1995.

FOGEL, Gerald I. Riddles of masculinity: Gender, bisexuality and thirdness. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 54, p. 1139-1163, 2006.

FREUD, Sigmund (1908). Escritores criativos e devaneio. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 9, p. 133-146.

HEASLEY, Robert. Queer masculinities of straight men. *Men and Masculinities* 2005, n. 7. p. 310-320.

LACAN, Jacques (1956-57). *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English literature and male homosocial desire*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.